

Curso de Formação

V Encontro(s) Cidadania e Responsabilidade Socio Ambiental

Comunicação

PARADIGMAS DE LA INTERCULTURA: LA FORMACION DEL CIUDADANO DEL MUNDO GLOBALIZADO

Prof.^a Doutora Anita Gramigna – Universidade de Ferrara (Itália)
9 de abril de 2016 – 2.º Encontro



Centro de Formação de Associação de Escolas Coimbra Interior

Relatório

Formando: Rui Marques de Abreu
Agrupamento de Escolas Marquês de Marialva

9 de junho de 2016

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

Alberto Caeiro

Enquanto docente, a sociedade moderna exige-me o domínio de conhecimentos (trans)disciplinares que contribuam para a melhoria de desempenho. Neste sentido, frequentei o(s) *V Encontro(s) Cidadania e Responsabilidade Socio Ambiental*, visando a minha atualização contínua e profissional. O seu programa formativo satisfaz as minhas necessidades e a recontextualização de saberes e práticas adquiridos, operacionalizáveis em contexto educativo, promoverá a melhoria do ensino e da aprendizagem dos alunos.

O presente relatório inspira-se na comunicação *Paradigmas de la intercultural: la formacion del ciudadano del mundo globalizado*, proferida pela Prof.^a Doutora Anita Gramigna. Este interesse deve-se à inegável atualidade temática e à sua transversalidade curricular, consignadas no Programa e Metas Curriculares de Português e na posição da oradora de que qualquer disciplina é *per si* intercultural. Assim, as questões-problema que sustentam o teor reflexivo deste trabalho, contributivas para o desenvolvimento da cidadania do século XXI, são: *O que se entende por intercultural e globalização? Como se pode operacionalizar uma educação intercultural em contexto escolar, num mundo globalizado?*

In limine, importa clarificar os conceitos aglutinadores da comunicação. É da composição do prefixo **inter** e do vocábulo **cultura** que nasce a relação cultural, científica e até ecológica, estabelecida dentro de uma mesma cultura (relação horizontal) e entre culturas diferentes (relação vertical), que se pretende recíproca, igualitária, hospitaleira e profícua para todas as partes (Gramigna, 2016: 1)¹. A **globalização**, advinda desde o final do século XX (ou do século XV²), empiricamente associada à “economia global”, é um processo dinâmico de transformações multidimensionais (sociais, políticas, culturais e ambientais)³,

¹ A par da interculturalidade coexiste uma multiculturalidade devido às múltiplas culturas que se relacionam entre si, cuja concomitância enformam o mundo atual. Em ambas “el sujeto se constituye, se forma y se crea asumiendo la responsabilidad hacia la irreductible diferencia con respecto a lo otro” (Gramigna, 2016: 3). Considera ainda a oradora que a intercultural é “un proceso constructivo de pensamientos, sentimientos, acciones, símbolos, estéticas, juicios morales, saberes... que, junto con otros, nos involucra y transforma en la aventura del conocimiento (*ibidem*: 2). Roberto Carneiro agrupou o hibridismo cultural em função de três categorias: processos migratórios, “resistência” e mercados comunicacionais sem fronteiras (Carneiro, 2001: 39).

² Entre outros fatores históricos, os Descobrimientos portugueses desde cedo contribuíram para a interculturalidade e a globalização, ao substituírem a visão do mundo teocentrista por um mundo antropocentrista, cujas capacidades e façanhas do Homem foram reconhecidas devido à sua ousadia inabalável de conhecer o invisível para dar ao mundo novos mundos, novos povos, novas culturas. Esta ideia é partilhada pela oradora, quando considera que “Portugal, (un país rico en variedad y riqueza intercultural) representa, por su historia, por el ambiente social, académico y científico que le dan su peculiaridad, un observatorio privilegiado para el estudio de las dinámicas sociales con características de multiculturalidad; puede ser visto, por ello, como un permanente Laboratorio, donde es posible observar rutas, proyectos y técnicas de formación intercultural” (Gramigna, 2016: 1).

³ Mário Murteira defende que “qualquer conceito de globalização é sempre decorrente de uma certa perspectiva ou ‘olhar’ sobre a História, mais ou menos explicitamente assumida pelo sujeito do conhecimento” (Murteira, 2002: 71). ³ Já Ricardo Vieira considera que “a globalização da economia, da sociedade e da cultura, fenómeno relativamente recente, assume, como sabemos, múltiplas e variadas facetas que podem e devem ser pensadas interdisciplinarmente” (Vieira, 2002: 4). Roque Amaro defende um conceito de globalização que “compatibilize o económico com o social, o cultural, o político e o ambiental; o universal com a diversidade” (*ibidem*: 8). Há ainda quem defenda que a “soberania do Estado tem vindo a ser afectada e limitada pelo processo de globalização’ pelas organizações internacionais (políticas ou económicas), pelas empresas multinacionais ou pelas organizações não governamentais e o próprio conceito de Estado tenderá a ser, cada vez mais, diluído” (*ibidem*: 8); outros, como Madureira Pinto, advogam que “a globalização favorece a desregulamentação do mercado em nome da competitividade. Multiplicam-se os

operadas nas diferentes sociedades. Contudo, “toda la humanidad parece obligada a soñar en un único futuro, a desear un sólo tipo de progreso, a poseer un único bienestar” (*ibidem*: 5). No entanto, há quem defenda que “a globalização não deve ser vista como um processo homogêneo, o qual levaria a uma expansão e uniformização em todas as sociedades. Ao contrário, o que se tem é um processo de desenvolvimento social bastante descontínuo, seletivo e excludente” (Rodrigues, Oliveira e Freitas, 2001: 6). É por isso que a globalização produz efeitos contraditórios: uniformiza ao mesmo tempo que diversifica (Campos e Canavezes, 2007: 76). Muitos veem apenas o lado negativo e empreendem iniciativas antiglobalização, por isso é da responsabilidade de cada cidadão do mundo global combater pelas singularidades, tendencialmente uniformizadas pela economia neoliberal.

A associação terminológica é inevitável e até desejada, uma vez que a globalização reforça a interculturalidade e ambas promovem a cidadania de união e construção de “comunicaciones solidarias” (Gramigna, 2016: 2). Este processo contínuo de transformação à escala global conduz a uma “revolución epistemológica” (*ibidem*: 2) que se deve operar também no ensino. Logo, uma questão se impõe: que relações estabelecem a intercultura e a globalização com a educação e que benefícios trazem ao sistema de ensino?

Hoje em dia, o avanço científico-tecnológico dispensou as caravelas e os artefactos marítimos para dar lugar às redes em linha, acessíveis através de um simples clique. Independentemente do meio encontrado à época, *in praesentia* ou *in absentia*, ambos foram um marco impulsionador de sociabilização, cooperação e partilha de cultura. Contudo, para Gramigna, o mito totalizante da tecnologia privilegia a linguagem unívoca num mundo global, quando deveria privilegiar a comunhão de diferenças, acentuadas pelas assimetrias entre as sociedades mais e menos desenvolvidas, das quais poderão emergir crises sociais e de identidade.

O *modus vivendi* do século XXI compagina-se, de forma acuminada, com a intercultura e a globalização. Mais do que outrora, estes conceitos materializam-se na dicotomia antitética real e virtual, onde a identidade individual assume papel relevante. É um fenómeno caracterizador das sociedades atuais, modernas e democráticas, enquanto sinónimas de avanço económico, social e cultural. As poucas sociedades ainda monoculturais, porque fechadas em si mesmas, não beneficiam desta fonte diversa e convergente de conhecimento, revelando-se prejudicial no relacionamento com sociedades abertas e abrindo espaço à proliferação de ideologias totalitárias e fundamentalistas que desaguam em sociedades intolerantes e segregadoras (Carneiro, 2001: 38).

Poderá a perfusão de culturas e a globalização comprometer a identidade de um povo ou país? A intercultura e a globalização deverão sempre nortear-se para o conhecimento do Eu, a fim de que possa respeitar o Outro. Todos os habitantes da Aldeia Global ganharão com a partilha de conhecimentos e saberes, ao encontrar laços comuns de união com vista à construção de sociedades de pleno civismo, cidadania e respeito mútuo. Apesar do mito da “hermenéutica totalizante” (Gramigna, 2016: 6), advindo do avanço

tecnológico, é na “epistemología de la diferencia” (*ibidem*: 7) que nos tornamos ímpares aos olhos do Outro. Será sempre necessária a adaptação a uma imposta realidade criada pelo próprio homem, descortinando prós e contras do global no individual, de forma a tornar, segundo Henrique Neto, “uma sociedade humana globalmente mais livre, mais pacífica e mais justa” (*apud* Vieira, 2002: 7). As diferenças distintivas entre cidadãos não devem ser motivo de afastamento, mas de aproximação e aprendizagem mútuas. A unificação planetária do Homem permitiu a construção de pontes entre os diferentes povos. O mundo é agora caracterizado pela profusão cultural, comunicacional e multiétnica que anula distâncias e aproxima os povos numa rede interplanetária, porque agora o *mundo é plano... e aberto* (Carneiro, 2006: 41)⁴.

Nestas sociedades, a intercultura está fortemente associada à **Escola** por imposição da globalização das sociedades contemporâneas, assumindo-se como um lugar privilegiado para congregação de diferentes culturas⁵. A denominada “educação integral” contempla os conteúdos (trans)disciplinares bem como os interculturais, sendo atualmente a **educação intercultural** o desafio que se coloca ao ensino a nível planetário, pois a escola tem a obrigação de ativar mecanismos que promovam a diversidade social, cultural, linguística, genética, étnica, religiosa, ecológica...⁶, ou seja, “as transformações que se produziram nos últimos anos deram lugar à coexistência de várias culturas num espaço e, como consequência, ao nascimento de sociedades multiculturais. Como a escola é um reflexo da sociedade, o feito educativo deverá abordar-se desde uma nova perspectiva: o curriculum intercultural” (Marco, 2003: 449). Na mesma linha de pensamento “espera-se que a escola e os professores, na sua tarefa de educar para uma cidadania democrática e interdependente, estejam atentos às complexidades dos movimentos demográficos, às novas realidades sociais, à intensificação das relações, cada vez mais próximas, entre culturas, povos e pessoas; e, acima de tudo, tenham em conta as flagrantes situações de desigualdade e injustiça sociais e a consciência, cada vez mais generalizada, do direito, de cada um, à igualdade de tratamento e à afirmação das suas diferenças” (Cardoso, 2001: 13). A proposta da oradora para uma educação intercultural opera-se “a partir de una profunda labor de clarificación ética y epistemológica de los mitos sobre los cuales se construye toda la comunicación de los mass media. (...) un prerequisite indispensable de tal educación está en la construcción de un saber que nos ayude a comprender el presente, sus retóricas unívocas y su composición plural”, uma vez que “el fin de la educación se convierte en la concientización de la propia responsabilidad en la construcción del conocimiento, y en consecuencia, en la relación con el mundo, con los mundos, con la identidad, con los otros (...) que no excluye, que valora las diferencias como signos irrepetibles y auténticos,

⁴ Expressão decorrente de *O Mundo é Plano*, de Friedman (2005). As mudanças recentemente operadas com a globalização de migrações forçadas de civis dos países em guerra para a Europa originaram uma nova era de interculturais, embora tenha revelado que o mundo não é assim tão *plano* e tão *aberto*, atendendo ao modo como os países europeus estão a gerir esta situação. Do mesmo modo, o terrorismo islâmico está a comprometer o encontro de culturas e a globalização, ao disseminar o medo e a intolerância à escala global, comprometendo o espírito humanista das sociedades democráticas, conduzindo-as a uma crise global.

⁵ A oradora defende uma Escola que permite aos seus atores saber como pensam, como constroem o conhecimento para fazerem de modo diferente, numa perspetiva “de una hermenéutica educativa que no se conforma con leer al mundo, con conocerlo, sino que trata de transformarlo” (Gramigna, 2016: 11).

⁶ Para Roberto Carneiro “esta versão, benigna, da marcha dos povos e das nações vem escorada num entendimento de que os processos de hibridação – étnica, cultural, genética, linguística – se impõem sobre as concepções binárias e redutoras do mundo: preto e branco, o eu e o outro, o cidadão e o forasteiro, o autóctone e o imigrante, o espécimen puro e o impuro” (Carneiro, 2006: 39).

la cual es capaz de recoger los significados en la diferencia con respecto a la propia identidad cultural, ética, social” (Gramigna, 2016: 2-3). Além disso, a sua proposta assenta numa visão da intercultura com uma “intencionalidad más estética” (*ibidem*: 3)⁷.

Para a efetivação desse *currículum intercultural* é necessário “modificar conteúdos, metodologias, linguagem, atitudes do professorado; há que seleccionar os materiais a utilizar nas aulas, umha responsabilidade de professores e professoras que deveram analisar criticamente os valores que neles aparecem, o que exige reflexionar sobre conteúdos, ilustrações, linguagem” (Marco, 2003: 450). É por isso que entendo que os *curricula* escolares deveriam alicerçar-se na multiplicidade e na pluralidade de mecanismos de construção do saber, adequados à diversidade dos alunos, porque a vida é *per si* geradora de diferenças, sendo que é das conexões delas emergidas que o mundo avançará e se enformará o pensamento⁸.

No intuito de responder à preocupação da oradora e à construção de uma *educação intercultural*⁹, na escola, convém referir que esta se associa à Educação para a Cidadania e é igualmente transversal a todas as áreas disciplinares que compõem o currículo educativo nacional. No *Programa e Metas Curriculares de Português*, essa dimensão operacionaliza-se, explícita e implicitamente, nos vários domínios, objetivos e descritores de desempenho: **Oralidade** – a compreensão/expressão de ideias, comportamentos e valores provenientes da vivência cultural individual permitem a cada aluno sentir-se respeitado e valorizado no coletivo; **Leitura/Educação Literária** – a variedade de textos, obras e autores (portugueses e estrangeiros) favorecem o contacto dos alunos com universos de referência e sentidos plurais, cuja multiplicidade de culturas, vivências, tradições, valores e estéticas do mundo contribuem para a formação integral do indivíduo e do cidadão multicultural; **Escrita** – a produção de diversas tipologias textuais coloca o aluno perante temas, situações e problemáticas que espelharão a sua mundividência linguística, cultural e ética; **Gramática** – os exercícios de análise e reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua permitem ao aluno tomar consciência do seu domínio oral e escrito e da variabilidade do conceito de norma.

Em todo o processo de ensino e aprendizagem, o papel do **docente** é determinante no desenvolvimento de competências interculturais e na educação para a cidadania dos alunos. É da sua responsabilidade proporcionar um humanismo cooperante e respeitador de diferenças (sociais, económicas, culturais, étnicas, religiosas, sexuais, opiniões, valores e apreciações estéticas do mundo...), vendo em cada aluno um paradigma de cultura. Assim, é conveniente que os Projetos Educativos de Escola/Agrupamento e o Plano

⁷ Entende a oradora que “la estética, de hecho, no busca la universalidad en una comunidad, sino los signos paradigmáticos de gran contenido simbólico, onírico, artístico, de sus manifestaciones. Por lo demás, en una sociedad multiétnica, la mirada estética es lo único que nos permite conciliar la paz social con la libertad. Pero la mirada estética es una mirada relacional, que recoge nexos de significación entre fenómenos, individuos y culturas aparentemente lejanas” (Gramigna, 2016: 3).

⁸ Logo, “es indispensable una **epistemología de la diferencia** que llene de una educación intercultural a todas las disciplinas de los *curricula* escolares y académicos, tal como lo sugiere Morin, cuando propone una historia pluridisciplinar de las contaminaciones, de los mestizajes, de las contingencias, y que está a la base de su reflexión sobre la educación” (*ibidem*: 7).

⁹ Apesar da polissemia terminológica, pode entender-se por Educação Intercultural “o conjunto de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas ao nível do sistema, de escola e de turma, baseados em programas que expressem a diversidade de culturas e estilos de vida, e visem promover a compreensão, o respeito e a interdependência democrática entre alunos de quaisquer origens – étnicas, religiosas, raciais, sociais, etc – e eliminar formas de discriminação e opressão, quer individuais, quer institucionais.” (Cardoso, 2001: 14). Convém salientar que a Educação Intercultural não se deve restringir apenas à Escola, mas a outras “instituições” sociais, como família, emprego, desporto...

Anual de Atividades prevejam atividades (locais, nacionais e internacionais), sob a égide aglutinadora de vivências interculturais num mundo global¹⁰.

Em suma, a par dos conceitos de *intercultural* e *globalização* gravitam outros como *educação intercultural*, *currículo intercultural*, *cidadania...*, cuja simbiose conflui no *ethos* de valorização das diferenças e da pluralidade, nas múltiplas dimensões do Ser Humano. A existência da diversidade intercultural, num mundo em movimento, apesar de unido pela globalização, traz às sociedades e, conseqüentemente, ao sistema educativo desafios que urgem alcançar em prol de um *modus vivendi* heterogéneo e integrador de diferenças. Do diálogo e da sã convivência entre culturas assomará um cidadão informado, responsável e interventivo na *res publica* que, imbuído de um profundo espírito de cidadania, construirá um mundo de pertença comum, unificador das relações antropológicas, com paz, liberdade, justiça, respeito, igualdade, tolerância, democracia, inclusão, não discriminação, pluralismo, solidariedade...

A celebração intercultural, transmitida pela Prof.^a Doutora Anita Gramigna, ecoa tanto no currículo formal como no informal. Só assim é possível comprovar a matriz ideológica defendida pela oradora no Programa e Metas Curriculares da disciplina que leciono, operacionalizada nos vários domínios linguístico-comunicativos e em atividades concretizadas, com enfoque na pedagogia intercultural ativa. O desafio colocado aos docentes passa pela gestão de um currículo intercultural e pela implementação de metodologias/estratégias de ensino e aprendizagem promotoras de diversidade linguístico-cultural. Inspirado no civismo e na cidadania, este desafio conduzirá ao enriquecimento pessoal e coletivo e à união da Humanidade, porque só um mundo policromático dará cor e sentido à existência humana. Deste modo, os alunos desenvolverão competências societais, interculturais e de cidadania global, porque (re)construirão um novo *Universo*, sem terem de abdicar da sua *Aldeia*.

Referências Bibliográficas

- PESSOA, Fernando (1994). *Poemas Completos de Alberto Caetano*. Lisboa: Editorial Presença, 51.
- CAMPOS, Luís e CANAVEZES, Sara (2007). *Introdução à Globalização*. Instituto Bento Jesus Caraça. Departamento de Formação da CGTP-IN.
- CARDOSO, Carlos (coord.) (2001). *Gestão Intercultural do Currículo 3.º Ciclo*. Lisboa: Secretariado Entreculturas.
- CARNEIRO, Roberto (2006). “Hibridação e aventura humana”. *Comunicação e Cultura*, n.º 1, 37-55.
- GRAMIGNA, Anita (2016). “Intercultura y crisis en el mundo de hoy: la formación del ciudadano del mundo globalizado”. V Encontro(s) Cidadania e Responsabilidade Socio Ambiental. Centro de Formação de Associação Escolas Coimbra Interior.
- MARCO, Aurora (2003). “Literatura infantil e valores” (disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3629/1/ActasCompletasBRAGA%202003.pdf>).
- MURTEIRA, Mário (2002). “Globalização, uma falsa ideia clara” (disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1215/1/Murteira%20M%C3%A1rio%20Globaliza%C3%A7%C3%A3o-UmaFalsaIdeiaClara%20EGG%20N.%20BA%20Lisboa%20ISCTE%20Set2002.pdf>).
- RODRIGUES, Ana Maria, OLIVEIRA, Cristina Maria Viana Camilo e FREITAS, Maria Cristina Vieira (2001). “Algumas reflexões sobre globalização, mundialização e cultura” (disponível em https://estudogeral.sib.ucp.pt/bitstream/10316/27494/1/Rodrigues_Oliveira_Freitas_PCI_2001.pdf).
- VIEIRA, Ricardo (2002). “Globalização: processo histórico ou fenómeno recente?”. Instituto Politécnico de Leiria (IPL) (disponível em <http://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/478/1/globaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>).

¹⁰ No exercício profissional, dinamizei e/ou colaborei em múltiplas atividades promotoras de Educação Intercultural, em consonância com o estipulado nos normativos programáticos vigentes na época para as disciplina de Português e Português Língua Não Materna: *Um olhar sobre a Bielorrússia* (1999); *Arganil ao sabor do vôo do Açor* (Expo2000 de Hannover); *Concurso Multilíngua* (2001); *A Diversidade Linguística e Cultural no Concelho de Arganil* (2001); *Entrevista a Yulia Yefanova* (2009); *Intercâmbios Escolares Nacionais e Internacional*; *Encontro Intercultural* (2016); *Escola Inclusiva e Intercultural* (2016)... Foi meu objetivo que os alunos fossem capazes de realizar uma leitura plural do mundo, em jeito de “pedagogia solidária” (Gramigna, 2016: 9). A Comissão Europeia tem lançado vários programas que reforçam a ligação entre povos de culturas diferentes e a partilha de experiências educacionais: *Sócrates*, *Leonardo da Vinci*, *eTwinning*, *Media*, *Erasmus*, *Comenius*...